

Histórias dentro da História: Theodore Zeldin e outros possíveis para a História Oral

*Eliana Regina de Freitas Dutra**

Resenha

ZELDIN, Theodore. *Uma História Íntima da Humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 1996, 419 páginas.

Que o leitor não espere encontrar neste livro uma narrativa histórica convencional onde acontecimentos são considerados em seu desenvolvimento temporal, verificados no seu desenrolar num momento dado. Ao contrário, nas páginas de **Uma História Íntima da Humanidade** seu autor, **Theodore Zeldin**, ao tomar como seu objeto de análise os **sentimentos** que têm atravessado a vida cotidiana de homens e mulheres ao longo da história, rompe as barreiras entre o passado e o presente no sentido de reestabelecer vínculos, e detectar rupturas, entre essas temporalidades, com vistas a recuperar hoje outras alternativas e escolhas possíveis, dadas como perdidas na opacidade do vivido de outros tempos. Como ele mesmo afirma, "para se ter uma visão nova do futuro, sempre foi necessário, antes, adquirir uma visão nova do passado" É exatamente essa visão que o autor se dispõe a construir e, o que é o objetivo primordial do seu texto, transmiti-la ao leitor comum.

Fugindo de um academicismo atado a abundantes citações e notas de rodapé, Zeldin, historiador da Universidade de Oxford, cons-

* Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais.

trói, sem prejuízo de uma notável erudição, um texto leve, instigante, capaz de tocar a sensibilidade dos leitores e levá-los a refletir, a um só tempo, sobre a sua existência pessoal e social. Os vários capítulos são curtos e, habilmente, cada um deles remete ao seguinte, numa estrutura espiralada que, no entanto, não impede que possam ser lidos independentemente uns dos outros. As riquíssimas indicações bibliográficas são estrategicamente colocadas ao final dos capítulos, a lembrar aos historiadores, seus pares, da base histórica da suas reflexões bem como de sua vinculação acadêmica. Por ela desfilam uma galeria de notáveis não só da historiografia contemporânea mas também da filosofia, das ciências naturais, e da literatura ocidental e oriental.

A maneira encontrada por Zeldin para realizar tal empreendimento é engenhosa e criativa. Ele parte, em cada capítulo, de depoimentos recentes tomados de homens e mulheres franceses, "de uma pessoa viva" que segundo ele "tem desejos e culpas nos quais você reconhece uma parte de si mesmo mas que está limitada por atitudes herdadas de origem há muito esquecidas". Esses depoimentos, ou "retratos", sobretudo de mulheres, nos falam dos seus sentimentos perante a vida; das suas dificuldades nos relacionamentos familiares, afetivos, profissionais; dos valores sociais que orientam suas escolhas e condutas; das suas possibilidades de se movimentarem no espaço da ação; das suas esperanças, e ou descrenças, de modificarem o rumo de suas vidas e o contexto social do seu presente. Através deles o autor nos introduz no universo temático que dá corpo à sua obra e ao mesmo tempo direciona a sua incursão histórica no passado. Dessa forma ele diminui a distância entre os indivíduos através dos séculos, resgata o que há de comum entre os seres humanos nas várias épocas históricas, cria vínculos entre as experiências pessoais de gerações anteriores e as de hoje, sinalizando para a continuidade de lutas, cuja pertinência atual revela sobrevivências de um passado remoto.

Nessa perspectiva o autor abre novos caminhos para o uso dos documentos orais, apontando novas e fecundas possibilidades para a história oral. Nessa linha podemos afirmar que o trabalho de Zeldin sugere um rico caminho para diminuir as distâncias, e porque não dizer as tensões, entre os interessados em história oral dentro e fora da academia e seus depoentes. A memória dos informantes ganha no seu trabalho uma dimensão social, e pedagógica, desconhecida até aqui.

Assim Juliette, Lydie, Maya, Colette, Mandarine, Alicia, Florence, Patrícia, Thérèse, entre tantas outras - sejam jovens, de meia idade ou mesmo atrizes, estudantes, balconistas, funcionárias públicas, donas de casa, profissio-

nais liberais, dançarinas - fornecem, com suas memórias e vivências, enfim sua crônica pessoal, a chave, e o pretexto para que o nosso autor escreva, segundo suas próprias palavras "sobre o que não se fossilizou, sobre o passado que está vivo no espírito das pessoas de hoje em dia."

- Através desse objetivo os depoimentos recolhidos são capazes não só de pontuar um tempo presente mas também de recuperar um passado e religá-lo ao presente com toda sua carga de subjetividade, e de emoção presentes na vida cotidiana em qualquer tempo.

Um a um, os temas contemplados na obra vão se desdobrando e capturando o interesse do leitor; o papel da informação, que no nosso tempo possibilita encontros entre diferentes realidades e um melhor conhecimento do "outro"; a entrada das mulheres na esfera pública e suas implicações e desafios à tradições; as relações, o diálogo e os atritos entre os sexos; o conflito entre liberdade e tradição e a necessidade de se valorizar a adaptabilidade tanto quanto a tradição; o problema da solidão e as formas do seu enfrentamento; as formas do amor, os prazeres do sexo, a evolução da sexualidade ocidental e a mudança no desejo dos homens.

Também o tema do poder marca presença nos resgates empreendidos por Zeldin. O poder nas relações pessoais e na política; a mudança de valores favoráveis ao respeito em detrimento do poder; as alternativas frente ao dar e receber ordens; os tipos de medos e as formas de seu enfrentamento; a relação entre curiosidade e liberdade. Num território próximo ao poder ele procura suas prováveis linhas de fuga. Assim ele introduz a questão da busca de religiosidade; as fugas pela droga e pelo álcool.

Na desesperança detectada nos depoimentos orais recolhidos e no confronto das memórias dos informantes frente a fragmentação do mundo contemporâneo, ou como querem alguns, do mundo da pós-modernidade, nosso autor reflete sobre a experiência da compaixão; a prática da tolerância e suas modificações; os mitos da sociedade de consumo; o colapso familiar; a crise nas relações entre pais e filhos o excesso de atividades e a crônica falta de tempo na vida moderna; a fragilização das amizades; a persistência do uso da astrologia; as descobertas e os benefícios das viagens; o cultivo da hospitalidades e as trocas inter-culturais; entre outros.

Dentro desse vasto panorama temático um tema maior se oculta, sob a roupagem dos demais, e se faz presente em cada aceno do autor de que é possível fazer da história **uma outra história**: o da esperança de uma maior humanidade entre os homens alicerçada na busca do respeito enquanto um valor universal, portanto, para si e para o outro. Não é fortuito o

título *Uma História Íntima da Humanidade* uma vez que essa é a apedra de toque do autor ao longo de todo o livro; daí a sua opção de começar do presente e retroceder rumo ao passado, e partir do pessoal para alcançar o universal.

Por ela Zeldin nos sugere outros possíveis para a história oral. De um lado recolocando de modo original as relações entre memória e história, entre biografia e história, entre história e histórias de vida. De outro desmontando a idéia de que a memória individual só se torna coletiva no mito, no folclore, ou pelas mão do poder. É uma outra dimensão da memória coletiva que ele nos apresenta para além da tradição, do poder e da força da ideologia. O relato pessoal tal como aparece no seu texto se mostra capaz de assegurar a transmissão de uma experiência coletiva. O coletivo, como algo latente, submerso, aflora pela iniciativa de unir as extremidades dos fios do tempo, ou melhor, de uma temporalidade separada por uma descontinuidade temporal, por força de um princípio necessário da operação histórica, porém não menos artificial, que separa um presente de um passado.

Implodida essa separação, forçada pelo instrumental intelectual do historiador e as exigências da sua prática disciplinar, é possível se entender melhor o mundo onde se movimentam os atores históricos do passado, dada a nova rede de solidariedade afetiva e psíquica passível de ser, agora, compartilhada.

No percurso empreendido por Zeldin a perspectiva de uma visão retrospectiva do passado, garantia de uma objetividade e um relato imparcial, se abre, e cede lugar à valorização perspectiva que, pelo recurso metodológico de aproximação dos tempos, num mesmo movimento torna contemporâneos o historiador e os homens do passado. Do que advém, um preenchimento de uma lacuna na história.

Nesse trajeto ele realiza um plano, concebido e explicitado logo de saída no primeiro capítulo: não reunir as informações que coletou nas suas pesquisas em categorias convencionais que confirmassem os habituais fatores econômicos, políticos e sociais. Os riscos advindos com esse tipo de escolha e análise, qual sejam os da banalização, simplificação e pulverização da explicação histórica, é amplamente compensado pelo esforço de se ter alguém, da envergadura de Theodore Zeldin, colocando o conhecimento já estabelecido na historiografia, à serviço de uma reflexão capaz de convencer, a muitos, das vantagens da história para a vida.